

Partilhar o que temos

Deixarmo-nos trabalhar pela sede de Deus não nos desliga das preocupações do mundo que temos à nossa volta. Pelo contrário, esta sede leva-nos a fazer o impossível para que outras pessoas possam tirar proveito dos bens da criação e encontrem uma alegria de viver. (Irmão Alois, Carta da China)

Christa e Samir (Suíça) passaram nove meses no Cairo no ano passado.

Um dos projectos da nossa paróquia anglicana consistia em visitar prisioneiros estrangeiros, numa prisão egípcia, que não tinham família nem amigos que cuidassem deles. Juntámo-nos à equipa que os visitava uma vez por semana. Os prisioneiros ensinavam tarefas artesanais uns aos outros e criavam, por exemplo, malas e carteiras com pérolas de vidro. A nossa equipa procurava o material necessário e vendia o produto final. Com o dinheiro resultante dessa venda, os prisioneiros podiam suportar algumas necessidades diárias: pasta de dentes, sabonete, alimentação e roupa. A equipa fazia as compras e trazia-lhes os bens comprados. Se algum dos prisioneiros precisasse de algo mas não tivesse dinheiro, os fundos que recolhíamos também podiam ser usados para ele.

O objectivo das nossas visitas era, também, ficar a conhecer os prisioneiros. Contavam-nos como estavam e as suas preocupações e nós falávamos da nossa vida. Ficámos abismados pelo modo como os prisioneiros aceitaram a sua vida diária e como estão enraizados na fé. No final de cada visita, fazíamos um círculo com os prisioneiros, de mãos dadas, entoávamos uma canção de bênção e o pastor dizia uma oração. Era sempre um momento muito tocante. De volta à Suíça, ainda permanecemos em contacto com alguns dos prisioneiros.

A investigação científica, a expressão artística, um empenho político, sindical ou associativo, podem ser formas de servir a Deus.

Alexandre (Suécia), 17 anos, participa na igreja como membro de um grupo que se prepara para a Confirmação. É também salva-vidas, trabalhando como voluntário nos serviços de resgate no mar sueco.

Trabalho com pessoas em dificuldades na costa e, por vezes, até já em alto mar. É fantástico o que sentimos ao ajudar pessoas em situações complicadas, desde doença, barcos danificados ou a salvar o ambiente. Durante grande parte do tempo fazemos exercícios práticos para ficarmos em forma e esperamos sempre que não seja necessário usar nenhum.

Este trabalho rouba muito do tempo livre e temos a responsabilidade de estar presentes se algo acontecer. Trabalho como voluntário, sem ordenado, mas recebo algo muito melhor: um sorriso e um agradecimento. Saber que se pode ter salvo uma vida ou algo que alguém ama realmente, é, provavelmente, o melhor ordenado que se pode receber e só nos custa um pouco de tempo da nossa vida.

Fazer uma escolha dos nossos desejos, aceitarmos não ter tudo, leva-nos a não monopolizarmos as riquezas para nós próprios.

TJ (EUA) está a passar algum tempo em Taizé. Em 2005, ajudou as vítimas do furacão Katrina.

Tive a oportunidade de passar seis meses a trabalhar com vários grupos que procuravam ajudar as vítimas de um dos piores desastres naturais da nossa história. Durante esse tempo, testemunhei a graça de Deus e caridade a funcionar de modo profundo e inesperado; vizinhanças inteiras partilhavam qualquer coisa que tivessem. Uma história memorável foi a de um empresário bem sucedido que perdeu tudo na tempestade excepto a sua carrinha, que começou a usar para transportar pessoas e mantimentos pela cidade. Sentiu que começou a viver apenas após ter perdido tudo e ter começado a viver uma vida de serviço.

Quando partilhamos o que temos, seja o nosso tempo ou os nossos recursos, reconhecemos que o valor da vida não está nas posses, mas nas relações que construímos com os outros e na centelha de divino que se encontra em toda a Humanidade. Deste modo, conduzimos à vida a mensagem do Evangelho de Cristo e tornamo-nos instrumentos de Deus.

Aprender a não termos tudo preserva-nos do isolamento. As facilidades materiais levam muitas pessoas a fecharem-se sobre si mesmas, descurando as verdadeiras formas de comunicação. Bastaria muito pouco para que as coisas não fossem assim.

Ema (Portugal) viajou pela Índia.

Aprender a não ter tudo, aceitar essa aprendizagem, talvez seja a condição primeira para a viagem até aos outros, para a aproximação, o diálogo e a colaboração de igual para igual. Aprender a não ter tudo como condição necessária a que talvez então possamos receber «o tudo» que quem não tem nada tem para nos dar.

Conviver, cooperar entre povos de outras culturas, deixa-nos muitas vezes numa certa tensão. Sentimo-nos divididos entre o conhecimento que temos do funcionamento e da organização das estruturas sociais, no país de onde partimos, e no país onde somos agora acolhidos. Muitas vezes gostaríamos de ajudar a implementar novidades, imprimir a mudança, com um entusiasmo impaciente e desligado da realidade efectiva das pessoas a quem queremos beneficiar. É importante conhecermos o contexto de vida das pessoas, mais importante ainda é estarmos dispostos a ouvi-las e a envolvê-las na solução dos problemas que as afectam. (...) A nossa vontade de criar melhores condições de vida não pode esmorecer, pelo contrário, precisa de firmar-se na confiança de que nos tornamos dignos, pelo trabalho e o acolhimento perseverantes, da parte daqueles com quem convivemos.

Basta muito pouco para revelar a bondade presente no coração humano.

Jeni e Colin (EUA) passaram cinco meses na Tanzânia, enviados pela sua paróquia luterana.

Fomos acolhidos por uma família de nove, fazendo assim um total de onze pessoas numa casa. Apesar de serem Andy e Elieshi que nos acolheram, toda a comunidade partilhava connosco de diferentes maneiras. Metili levou-nos ao mercado; Carol e Randy ensinaram-nos a lavar as nossas roupas; Irene e Naema ensinaram-nos cozinha africana; Sam e Naomi jogaram connosco; Glory, Masome e Beatrice cuidavam do jardim connosco. Graças a todos, descobrimos como reconhecer a obra de Deus e aprendemos palavras novas e músicas de louvor novas, para contarmos o que víamos.

Há muitas iniciativas de partilha que estão ao nosso alcance.

Sylvia (Alemanha) conta a sua experiência profissional como assistente social.

Sou confrontada frequentemente com pessoas que atravessam momentos difíceis e que pedem acompanhamento. Seja como for, a todos nós é pedido ajudar alguém, e não apenas no meio profissional. Talvez algum dos nossos amigos, um familiar ou alguém das nossas paróquias ou do local de trabalho precisa de alguém que ouça, de encorajamento, de confiança...

Percebi que oferecermo-nos para acompanhar alguém é oferecer-lhes tempo precioso. Este tempo de proximidade deve ajudar o outro a encontrar os seus próprios recursos, sem dar nenhum conselho que não seja dado ao mesmo nível. (...) O mais importante para mim foi ser confrontada com a minha própria impotência ao acompanhar outros e aprender a lidar com isso, tanto na minha profissão como nas minhas relações privadas.

O respeito pelos outros é um bem inestimável para prepararmos a paz. As fronteiras dos países mais ricos devem poder abrir-se mais. É possível haver mais justiça na terra.

Carolina (Chile) vive em Santiago onde está a ser preparada uma nova etapa da Peregrinação de Confiança através Terra, que terá lugar em Dezembro.

Partilhar o que temos, sendo justos e responsáveis na maneira como vivemos com os outros, é algo que já estamos convencidos, ainda que nos custe viver deste modo. Cada jovem tem nas suas mãos a responsabilidade de despertar o coração de muitos outros, de ser um cultivador incansável da justiça e da verdade no nosso país e no mundo. Somos encorajados a assumir um papel na tarefa incansável de proclamar o Evangelho, porque é importante defender os inocentes, os oprimidos e os pobres.

Um exemplo disto é dado pelos jovens que trabalham na pastoral universitária, em Santiago e em muitos outros locais do nosso país. (...) Através do encontro com Cristo, descobriram que têm que viver o seu papel de forma responsável, num serviço autêntico aos outros. Estes jovens têm o desejo de mudar o mundo e sentem que têm que participar na construção de um Chile com mais justiça e solidariedade. Conseguem conciliar os tempos de estudo e de família com momentos de voluntariado com as crianças que encontram dificuldades na escola. No Verão, participam em missões médicas, usando as suas qualificações. E juntam-se a organizações políticas e sociais porque acreditam que os cristãos devem estar presentes nessas áreas para que a consistência da sua vida possa ser espelho do amor de Deus.

O Evangelho convida-nos à simplicidade. Escolher a simplicidade abre-nos o coração à partilha e à alegria que vem de Deus.

Andy (Nova Zelândia) participou em Taizé no workshop «Como podemos acompanhar alguém em dificuldades?»

Foi sempre difícil para mim saber como ajudar os outros sem deixar a ideia de que sou superior. Gosto muito da ideia de que a solução para as dificuldades de uma pessoa encontra-se sempre dentro dela. Não é o nosso papel, enquanto os acompanhamos, encontrar respostas no lugar deles, mas permanecer por perto, ajudá-los a encontrar neles próprios os recursos.

Sinto que é também desta forma que Cristo trabalha em mim. Quando as situações se complicam, raramente ele as altera no meu lugar. Em vez disso, ajuda-me a descobrir que me criei com a solução já entro de mim. A sua companhia ajuda-me a ser plenamente eu mesmo.

Haverá melhor exemplo do que quando acompanhamos os outros nas suas dificuldades? Em vez de tentarmos assumir o papel de herói, podemos ajudá-los a encontrar força em si mesmos, mantendo-os como nossos iguais, livres de seguir sem dependerem de nós. É este tipo de dom que quero desenvolver em mim para poder depois transmiti-lo aos outros.

Há mais testemunhos publicados em
http://www.taize.fr/pt_article11027.html